

AS QUATRO VERSÕES DO RECIFE SANGRENTO

The four versions of bloody Recife

Valeska Maria Ferreira da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, PE, Brasil

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o conteúdo das quatro edições da obra Recife Sangrento (1937, 1938, 1956 e 1970), do repórter criminal Oscar Felix de Melo, buscando identificar e discutir o gênero que a referida obra integraria. Sobre isso, concretamente, partimos do entendimento de que o Recife Sangrento não pode ser definido como literatura de crime ou crônica policial, mas sim como um híbrido entre estes gêneros e o *fait divers*. Mas, independentemente disso, sua importância também reside no fato de ter contribuído para o reforço de determinados imaginários sociais sobre o Recife de finais do século XIX e primeiras décadas do XX.

Palavras-Chave: Oscar Melo, Recife Sangrento, História Cultural.

Abstract

The aim of this paper is to present the content of the four editions of the book Recife Sangrento (1937, 1938, 1956 and 1970), by crime reporter Oscar Felix de Melo, seeking to identify and discuss the genre that said work would integrate. Regarding this, specifically, we start from the understanding that Recife Sangrento cannot be defined as crime literature or police chronicle, but rather as a hybrid between these genres and *fact divers*. But, regardless of this, its importance also lies in the fact that it contributed to the reinforcement of certain social imaginaries about Recife at the end of the 19th century and the first decades of the 20th.

Keywords: Oscar Melo, Recife Sangrento, Cultural History.

VENDENDO UM MILHEIRO EM APENAS 15 DIAS

Se a nota publicada no Jornal Pequeno do dia 6 de março de 1937 for correta acerca da divulgação do lançamento da primeira edição do livro Recife Sangrento, a obra de Oscar Melo parece ter gozado de grande popularidade quase imediata, já que acabou vendendo um milheiro em apenas 15 dias, através do “escritório mercantil” do mesmo jornal.¹ O advogado criminalista e amigo do autor, José de Brito Alves, escreveu no prefácio que Melo não alimentava “preocupações de criminólogo”, nem muito menos “disserta a respeito da *Analyse in loco*, do *phenomeno criminal*”. Para bons entendedores, o que Alves procurava deixar claro logo de cara, era que o autor não tinha nenhuma intenção de produzir conhecimento científico, mas sim um tipo de livro que dava importância às reminiscências. Em suas próprias

palavras: “teve em mira, somente recordar os esquecidos e narrar cousas, aspectos e incidentes de delitos cometidos na capital pernambucana, característica e particularidades de certos heróis do crime que fizeram época, e [...] figuras curiosas, umas, esquisitas outras, de nossas autoridades policiaes” (Alves, 1937, p. 1).

Com efeito, é fundamental destacar que Oscar Melo (essa observação vale para todas as quatro edições) não se preocupava nem com as referências bibliográficas nem com a listagem das possíveis fontes consultadas. Seu estilo era direto, sem muitos rodeios, como dissemos, sem as limitações do gênero científico, mas, ao contrário do que escreveu o prefaciador, percebe-se sim certa preocupação no contar, no narrar, para convencer, não muito distante daquele gênero, como também das famosas crônicas policiais e dos *fait divers*. Acreditamos que isso se deveu, em boa medida, graças a sua longa experiência enquanto repórter criminal, o que deve ter influenciado não somente a escolha dos crimes e assuntos, mas a própria forma de contar e rememorar. Como diria o próprio subtítulo, tratava-se de umas “notas de um antigo repórter”; se a sua memória não era de fato a única fonte, era ao menos a mais utilizada.

Devemos informar sem rodeios que ao longo das quatro edições do Recife Sangrento, a obra sofreu modificações consideráveis que não deixam de refletir a um só tempo tanto as estratégias de filiação política, quanto adequações visando públicos e circunstâncias potencialmente consumidoras, e aqui não nos referimos apenas no sentido comercial, mas de potenciais leitores mesmo. Assim, além de exigir uma análise detida, ou, como preferimos chamar, uma radiografia, para se poder sopesar a energia gasta por Melo entre uma edição e outra, sobretudo em relação aos aspectos textuais e de conteúdo, se terá igualmente em conta aspectos não menos importantes como as capas, a variação ortográfica da língua portuguesa utilizada, quantitativo de páginas, e capítulos ocasionalmente adicionados ou suprimidos.

Devemos esclarecer que aqui tivemos em consideração o modo de análise proposto por Genette (2009, p. 10-11), a partir do paratexto como ele chama a junção e epitexto. Para Genette, o peritexto são os elementos que o integram, como a parte que é de incumbência do editor e estaria composto pelos seguintes componentes: títulos, subtítulos, autorias, imagens, dedicatórias, prefácios, dados editoriais, tradutores, epígrafes, dados de impressão e valores; já o que ele chama de epitexto é também um conjunto de elementos textuais mas

que não estão anexadas ao texto, contudo possibilitam ter uma dimensão do trabalho como: anúncios de lançamento, entrevistas, cartazes e registros do lançamento.

A PRIMEIRA EDIÇÃO DE 1937

A primeira edição de 1937, conforme se pode acompanhar pela tabela n. 1, estava composta por 17 tópicos ou capítulos distribuídos em um total de 96 páginas, contando com o prefácio e o texto laudatório dirigido a José de Brito Alves intitulado “Um dos grandes criminalistas do Brasil”. Como vimos, A’ Guisa de Prefácio, escrito pelo advogado José de Brito Alves, caracterizado pelo próprio Melo como um dos “grandes criminalistas do Brasil”, não somente abre o livro como coloca a principal chave de leitura acerca das (des) pretensões da obra. Ao que parece havia uma relação de amizade entre o autor e o prefaciador, mas, independentemente disso, a condição de Alves enquanto advogado criminalista de renome, contribuía certamente com o seu capital simbólico para a promoção do Recife Sangrento.

Um dos grandes criminalistas do Brasil tem aproximadamente duas páginas e não somente destaca, como homenageia o ilustre bacharel. Mas se para aquela época se dispensava maiores apresentações, hoje já se faz necessário recordar quem foi e o que fez Brito Alves para além das funções de advogado criminalista. Para isso, algumas fontes jornalísticas permitem uma maior aproximação ao seu extenso currículo. Em julho de 1932, por exemplo, ele figurava como assistente da Liga Católica Jesus Maria e José da Basílica do Carmo (Diário de Pernambuco, 26/07/1932, p. 4). Chegou a ser também Presidente do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (Diário de Pernambuco, 27/01/1933, p. 3) e fez parte do núcleo inicial do Diretório Provisório do Partido Economista em Pernambuco, sendo ainda um dos candidatos a deputado estadual pelo referido partido (Diário de Pernambuco, 25/04/1933, p. 3).

Quanto à estrutura de capítulos, a primeira edição, como se disse, contou com 17. Um detalhamento deles pode ajudar a compreendermos as demais edições. Acreditamos que a profissão de repórter criminal, além do trabalho como funcionário público no departamento de Viação e obras públicas, permitiu que Melo, ademais das suas ligações familiares, renovasse simpatias ou estabelecesse novos vínculos de amizade com algumas autoridades ao longo do tempo. Acreditamos que a sua opção por iniciar pelo tópico “As antigas

autoridades de Recife”, não foi provavelmente fruto de uma decisão aleatória. Colocamos como hipótese ter sido uma forma de prestigiar alguns desses funcionários da ordem pública, que, não cabe dúvidas, tiveram que lidar com momentos bastante delicados e quentes, política e socialmente falando. Alguns, quem sabe, até famosos devido à resolução de casos célebres e/ou por famosas apreensões realizadas. Mas respeitando a lista de Melo, os nomes mencionados são os de Barros Rego, coronel José Vicente Ferreira da Silva, José Pedro dos Santos Neves, capitão José Munis de Almeida, aliás, “Cazuzinha”, major Alfredo Velloso da Silveira, Glycerio de Gouveia, Antonio José da Costa Rego, coronel Alexandre dos Santos Selva, Augusto Jungman, Cyreno Gonçalves, Capitão Manuel Baptista, major João de Barros Santiago Ramos, capitão Adolpho Costa, Tenente Joaquim Cavalcanti.

Oscar Melo, apesar de parecer fascinado pelos bas-fonds recifenses e por indivíduos que tenham se destacado de alguma maneira no mundo do crime, é um homem da lei e da ordem. Então, em vez de começar pelos bandidos, sua opção foi iniciar pelos mocinhos. Daí que somente no segundo capítulo ele viesse a introduzir as histórias com marcas e reminiscências de violência e sangue. Precisamente, em *Antigos Valentes de Recife*, Melo tenta reconstruir uma época em que, segundo ele, a capital pernambucana era conhecida como a “terra dos faquistas”, onde os “desordeiros perambulavam pelas ruas, conduzindo armas ostensivamente e praticando crimes sem que houvessem para eles a menor punição, por que dispunham da proteção de certos chefes políticos, aos quais serviam de capangas, principalmente nas épocas de eleições.” (Mello, 1937, p. 29).

Mesmo que ainda não se tenha encontrado outras fontes para todos os nomes e sucessos elencados e narrados por Melo (54 homens e 4 mulheres) podemos dizer com base nas pesquisas realizadas que, embora o autor tenha localizado essa “terra dos faquistas” há uns vinte anos atrás, portanto, em 1917 (Mello, 1937, p. 29), os casos que envolvem os nominados valentes abarcam um arco temporal que vai de finais do século XIX, até a década de 1920. Período que, entendemos, conformaria para o autor o auge ou uma espécie de idade de ouro onde homens dispostos a derramar sangue, fosse a mando ou por conta própria, circulavam a seu bel prazer pelo Recife, além dos arruaceiros e valentões.

Mas antes de avançarmos, devemos informar que a lista de Melo contemplava 58 indivíduos, a saber: Manuel da Jacyntha, Santos Fininho, Jovinos dos Coelhos, Zome de Santo Amaro, Nicolau do Poço, Neco Torres, Valdivino, José Candido, Archanjo, João Duello, Chico Candido, Marcellino da Rua da Jangada, Amaro Preto, Libanio, Jenuino, Abacaxi, Pedro Jovino,

Pedro da Paz, Eleutherio, Manuel Coxé, Adama, Manuel Cuca, Abel, Apolonio da Capunga, Artur Jararaca, Manuel Rouxinho, Antonio Padeiro, Corre-Hoje, Caboclo de Mamarama, José Grande da Aldeia, José Pequeno, José Alves, Antonio Quatorze, Sete Boias, Motta, Dudú Alves, José de Senna, Antonio Estevão, Bentinho, Machadinho, sargento Vigario, José dos Coqueiros, José da Bala, Estomago, Nascimento Grande, Bernadino Caboclo, Cosmo Pretinho, Ascenço, Sabe-Tudo, Manuel Torres Gallindo, Tenente Manuel Augusto de Souza Cabral, Zé Bento, João Totó, Picancio, e as mulheres Argentina Dente de Ouro, Chiquinha, Chica do Ó e Maria Zaruenda, que, segundo Melo, representavam aquelas que “fizeram época e eram respeitadas até por certos valentes” (Mello, 1937, p.30).

Melo não hesitou em nenhum momento em afirmar que, entre os valentões, Nascimento Grande e Bernardino Caboclo destacavam-se dentre todos os demais, principalmente pela popularidade e respeito que suscitavam. O autor reforçava deliberadamente a fama destes indivíduos ao comentar sucessos ocorridos inclusive quando eles alcançaram idades bastante avançadas. No primeiro caso, ele narra um episódio quando Nascimento já contava com oitenta anos, ocorrido na cidade de Vitória (supomos que de Santo Antão). Segundo consta, Nascimento teria sido agredido naquela cidade por um grupo de “afamados ‘Brabos’”, integrado por Cosmo Pretinho, Apolonio da Capunga, Ascenço e Corre-Hoje. Em um movimento supostamente em legítima defesa, Nascimento atirou e feriu a boca de Corre-Hoje, que teria caído, fazendo os demais fugirem em debandada.

Conforme Melo, em toda a existência de Nascimento Grande, essa foi a única vez que ele usou de uma arma de fogo, e isso porque a idade avançada já lhe havia limitado a conhecida agilidade que em seus bons tempos de valentia, fazia “correr inúmeros valentes” com uma simples bengala. Certa feita, chegou a fazer cair por terra o “celebre Sabe-Tudo, num encontro que tivera com este na antiga pracinha, actualmente Praça da Independência” (Mello, 1937, p.29-30). Nos dias de hoje, a Praça da Independência é mais conhecida por Praça do Diário, mas o importante a ser destacado é que Melo acaba com esses dados conformando uma geografia da violência e criminalidade recifense nas primeiras décadas do século XX. Com efeito, ele chega a afirmar que os pontos preferidos pelos “perturbadores da ordem pública” eram os bairros de Santo Antônio, São José e Afogados, e os subúrbios da Torre, Madalena e Poço.

Além de “perturbadores da ordem pública”, os valentes eram também “como uma espécie de epidemia”, chegava a “contaminar rapazes de família de nossa alta sociedade”

(Mello, 1937, p. 30). E isso porque além do estilo de “vida folgada”, muitos deles contavam com a proteção de “certos chefes políticos” (Mello, 1937, p. 30-31).

De forma que se poderia dizer que as forças da ordem também possuíam os seus bravos e valentes, rotulados, não obstante, por Oscar Melo, como heróis e figuras de grande coragem e engenho. Outro elemento em comum entre agentes da ordem e bravos/valentes é a relação clientelística tecida com indivíduos poderosos. Se alguns bravos e valentes serviam de capangas e guarda-costas de pessoas influentes econômico-politicamente falando, Mauch (2017, p. 199), por exemplo, observa para o caso sul-rio-grandense como as relações clientelísticas estiveram mediando o sistema de recrutamento de pessoal na capital daquele Estado.

APONTAMENTOS SOBRE AS EDIÇÕES DE 1938, 1956 E 1970

Mesmo que bastante sumária, entendemos que a apresentação descritiva da primeira edição se fazia necessária para introduzir o potencial leitor(a) não somente na estrutura e conteúdo do livro, como também no que concerne ao seu estilo e valores pelo seu autor. Particularmente entendemos que agora fica muito mais fácil seguir com a radiografia em relação às demais versões, já que todas elas apresentarão mudanças significativas.

Para começar pela de 1938, a primeira modificação observada é a inclusão de dois novos capítulos sobre a campanha política entre Dantas e Rosa e Silva, em 1911: A campanha de 1911 e A parte cômica da campanha, justamente como primeiro e segundo capítulo, respectivamente. Somente esses dois capítulos representam 79 das 178 páginas da edição, (sendo as outras 99 páginas distribuídas para 17 capítulos e os elementos do peritexto), o que já sinalizava a importância que Oscar Melo daria dali em diante às batalhas e assuntos políticos travados no palco recifense. Sobre esse aspecto, nos parece bastante sintomático o fato desta segunda edição ter sido publicitada no Jornal Pequeno (onde Melo atuava) numa matéria de capa acompanhada de uma fotografia de um “grupo de senhoras e senhoritas pernambucanas que, com armas às mãos, defenderam na praça pública o general Dantas Barreto” (Jornal Pequeno, 14/02/1938, p. 3). Melo também reproduz a imagem n.1 em seu livro, intitulando-a como “O heroísmo da mulher pernambucana” (Mello, 1938, p. 77).

Note-se que a ênfase recaiu sobre o novo material incluso na segunda edição, como diria a própria reportagem: “Assumpto político que interessou vivamente a população

daquella época”. Ao que se acrescentou que além do “histórico”, se destacava os comícios, passeatas e combates “narrado[s] detalhadamente” e ilustrados por um conjunto de 105 clichês (fotografias), das quais a imagem n. 1 era apenas um exemplo. Essa edição foi impressa nas oficinas dos senhores Renda Priori e saiu à venda custando 6\$000 cada exemplar.¹⁸

O dicionário compilado sobre a gíria dos gatunos é puxado para o terceiro capítulo, e daí se retoma a ordem original até o Um terceiro conivente na morte do dr. José Maria?. Em troca do capítulo Jovino dos Coelhos e as suas façanhas, suprimido, incluiu-se o, O assassinato de Romeu Loureiro Barbosa. E depois, conforme se pode ver na tabela n. 1, Melo reordenou completamente os capítulos, a exemplo do As últimas proezas de Adama, jogado para o fim do livro, enquanto que subiram o crime da rua Imperatriz, da Caldeireiro, do major Bodé, do negociante e de Iracema Prazim. Particularmente acreditamos que essa reordenação procurou dar mais coerência às temáticas, como aqui podemos perceber claramente a concatenação dos casos de crimes de sangue, para logo em seguida dar continuidade com outros assuntos, como o do preso chamado de dr. Anisio, Laura Passos, tipos de gatunos e uma espécie de relação dos antigos brabos do Recife, que, embora esteja com um título diferente, trata-se em realidade do mesmo Valentes que desapareceram. Essa edição alcançou com todas essas modificações 178 páginas, portanto, dobrando praticamente de tamanho.

A terceira edição, publicada em abril de 1956, contava com 108 páginas, e custava 40,00 cruzeiros.¹⁹ Apesar de mais enxuta, percebe-se um leve aumento para 22 capítulos. Não será ainda a edição de maior intervenção realizada por Melo, mas resultará em uma obra indelevelmente distinta em relação às versões anteriores. É, sem dúvida, um trabalho de transição, uma vez que se eleva o protagonismo de temas relacionados com a política local, estadual e nacional. De fato, conforme se pode observar através da tabela n. 2, Melo se propôs tratar logo no primeiro capítulo tanto das eleições antigas quanto das atuais. Seu principal interesse não parece estar mais nos brabos e valentes e nas forças da ordem que os combatiam, uma vez que passam a figurar em segundo plano, mas sim no mundo político de Pernambuco ou ligado a ele. A política passa a ser o seu grande personagem! Bastaria olhar para os seguintes títulos dos capítulos consecutivos: Os políticos que mais sofreram no Governo de Barbosa Lima (2º); A fritada de guaiamuns que intoxicou o Governador e pessoas de sua família (3º); O prefeito Ribeiro de Brito deposto pelo governador (4º); O Governador

Barbosa Lima também enfrentou o exército (5º); A conversão de Barbosa Lima ao Catolicismo (7º); A campanha de Artur Bernardes em Pernambuco (11º).

Acreditamos que os dezoito/dezenove anos que separam essa versão da de 1937/1938 foram suficientes para que Melo se sentisse mais à vontade para trabalhar com títulos mais diretos e acusativos. Repare-se que após o primeiro capítulo em que trata das antigas eleições, ele trata sem papas na língua dos políticos que mais sofreram, segundo ele, durante o governo de Barbosa Lima. Sua antipatia em relação à Barbosa Lima é antiga, perceptível já na primeira edição, mas agora é escancarada nos rótulos. Não obstante, e apesar do observado, Melo suprime curiosamente dessa terceira edição o relato acerca da campanha de 1911, entre Rosa e Silva e Dantas Barreto, incorporada na de 1938. O motivo? Talvez para dar lugar a outros casos e não aumentar consideravelmente o número de páginas da obra, o que certamente a encareceria.

De resto, é só na parte final que ele reserva espaço para os valentões, brabos, ladrões, tipos irreverentes e alguns crimes sensacionalistas, a exemplo do falsário Pigatti, a prisão de Antonio Silvino, o caso da jovem que se travestiu de homem, os novos homicídios como o do pracinha Canuto Correia e o do jornalista Trajano Chacon, ou, ainda, o assalto e roubo da joalheria Goetschel.²⁰ Os únicos capítulos que repaginam temas já tratados nas primeiras edições de 1937/1938 são: Antigos Valentes de Recife (aparece na 1ª e 2ª edição como o 2º e 5º capítulo, respectivamente, e na 3ª edição como 15º capítulo, com uma pequena mudança em seu título, agora Os Homens Valentes do Recife Antigo), e a A gyria usada pelos gatunos (aparece na 1ª e 2ª edição como o 8º e 3º capítulo, respectivamente, e na 3ª edição no 22º capítulo, com o título alterado para As gírias dos gatunos com as últimas modificações, contando agora 330 gírias).

Mas a maior intervenção realizada por Melo em seu Recife Sangrento foi realmente na edição de 1970. Se acompanharmos através da tabela n. 2 pode-se perceber que mais do que uma nova reorganização dos capítulos, houve uma verdadeira supressão, voltando-se a deixar a obra com menos de cem páginas (94), muito próxima à da primeira edição original de 1937. Tamanho trabalho de corte talvez se deva a uma questão de barateamento dos custos de edição, mas também é possível que Melo tivesse em mente levar adiante outra proposta que, ao nosso ver, já se antecipava na de 1956. Novamente, estamos convencidos de que o mundo político o absorvia por então, muito mais que seus brabos. Repare-se que, além dos capítulos de temas políticos mantidos, Melo reincorpora em 1970 a campanha de 1911, destinando

para tal 27 subcapítulos, mas de forma significativamente resumida daquela aparecida originalmente em 1938. Excetuando os citados capítulos de teor político conservados da edição de 1956, somente se manteve na edição de 1970 outros 2 capítulos oriundos da primeira e segunda edição, a saber: O assassinato do major Bodé e Uma mulher que fez época em Recife (Laura Passos).

Mas em qualquer caso, a conclusão a que chegamos é a de que o Recife Sangrento de 1970 é outro livro completamente diferente do original de 1937. Por isso, não deixa de ser curioso o fato de Melo ter mantido não somente o título como até mesmo o subtítulo praticamente sem alterações: Crimes Sensacionais do Recife Antigo e seus protagonistas. Antigas autoridades. Notas de um antigo Repórter. Dialeto dos Gatunos. 14 novos capítulos. A primeira observação a ser feita diz respeito ao Dialeto dos Gatunos. Embora apareça a menção ao referido capítulo, ele não fora realmente inserido na edição em análise. Acreditamos ter se tratado de uma supressão consciente, sendo neste caso o erro a manutenção de sua referência no título da obra, mas à falta de fontes, ninguém pode afirmar com certeza.

Como podemos ver abaixo, o quadro nos mostra a distribuição dos capítulos ao longo dos anos, onde visualizamos seus acréscimos, subtrações e repetições de algumas histórias no decorrer das edições.

Quadro n. 1: A DISTRIBUIÇÃO DOS CAPÍTULOS AO LONGO DAS EDIÇÕES			
1937	1938	1956	1970
*A' Guisa de Prefacio *Um dos grandes criminalistas do Brasil	*A' Guisa de Prefacio *Um dos grandes criminalistas do Brasil	*A' Guisa de Prefacio * Dr. José de Brito Alves, um dos grandes criminalistas do Brasil	*A' Guisa de Prefacio *Dr. José de Brito Alves, de saudosa memória, foi um dos grandes criminalistas do Brasil
As antigas autoridades de Recife	A campanha de 1911	1º Capítulo: As eleições antigas e as atuais	Capítulo I: As antigas eleições • Dr. José Mariano; • Dr. Joaquim Nabuco; • Dr. Martins Junior; • Dados biográficos de José Mariano Carneiro da Cunha.
Antigos Valentes de Recife	A parte cômica da campanha	2º Capítulo: Os Políticos que mais sofreram no Governo de Barbosa Lima	Capítulo II: Os políticos que mais sofreram no Govêrno Barbosa Lima • Cap. Dr. Alexandre José Barbosa Lima; • O Dr. Argemiro Arouxa; • O prefeito Ribeiro de Brito deposto pelo governador; • A fritada de guaiamuns que intoxicou o governador e a sua família; • A prisão de Antônio Silvino.
Revivendo Crimes Antigos	A gyria usada pelos gatunos	3º Capítulo: A fritada de gaiamuns que intoxicou o Governador e pessoas de sua família	Capítulo III: Cena de Sangue na Matriz de São José por ocasião das eleições que se realizam ali • Major Bodé; • Bela e sedutora destruiu lares e provocou tragédias; • A lealdade dos políticos aos seus partidos;

			• Elucidado o assassinato de José Guedes pelo grande policial Ramos de Freitas.
O assassinato de Dr. José Maria	As antigas autoridades do Recife	4º Capítulo: O prefeito Ribeiro de Brito deposto pelo governador	Capítulo IV: O assalto e roubo da Joalheria “Goetschel” • Morto o praticista Canuto Correia por Terto Campos.
Um terceiro conivente na morte do dr. José Maria?	Antigos Valentes do Recife	5º Capítulo: O Governador Barbosa Lima também enfrentou o exército	Capítulo V: Barbosa Lima Defende seu governo • Os antigos valentes do Recife.
“Jovino dos Coelhos” e as suas façanhas	Revivendo crimes antigos	6º Capítulo: As nossas antigas autoridades Policiais	Capítulo VI: A campanha de 1911 • Confabulações para a apresentação da candidatura; • A Campanha da imprensa; • A Campanha tomou vulto; • No Interior; • Deixa o Govêrno o Dr. Herculano Bandeira; • O segundo comício; • A parada militar; • Terceiro comício; • É ferido o chefe de Polícia; • Conflito do Exército com a polícia; • A chegada do general Carlos Pinto; • Um comício da Liga Comercial; • Chega ao Recife o General Dantas Barreto; • O palácio do govêrno atingindo por

			um tiro de canhão; • Reação da guarda de palácio; • Chegam forças federais ao Recife; • O Governo abandonou o palácio; • O general Carlos Pinto comunica o fato ao presidente; • O governador telegrafa ao Presidente; • Convidado para assumir o govêrno; • Não assume o govêrno; • O padre assume o govêrno; • A eleição; • O resultado completo do pleito; • O general é reconhecido pelo congresso; • O general assume o govêrno; • A parte cômica da campanha.
As últimas proezas de Adama	O assassinato do dr. José Maria	7º Capítulo: A conversão de Barbosa Lima ao Catolicismo	
A gyria usada pelos gatunos	Um terceiro conivente na morte do dr. José Maria?	8º Capítulo: O assalto à Usina Santa Filonila	
Quem era o “Dr.” Anísio	O assassinato de Romeu Loureiro Barbosa	9º Capítulo: as proezas do falsário “Pigatti”	
Uma mulher que fez época em Recife	O Sensacional crime da rua da Imperatriz	10º Capítulo: A prisão do Bandido Antonio Silvino	
Especialistas em Roubo	O duplo crime da rua do Caldeireiro	11º Capítulo: A campanha de Artur Bernades em Pernambuco	
O sensacional crime da rua da Imperatriz	O assassinio do major “Bodé”	12º Capítulo: Uma jovem de 15 anos confunde os sexos, trajando-se de Homem	

O duplo crime da rua do Caldeireiro	O crime do negociante Adolpho Ramos	13º Capítulo: Os Ladrões mais célebres que o Recife conheceu	
O assassinato do major “Bodé”	A morte de Iracema Prazim	14º Capítulo: A Lealdade dos Políticos aos seus Partidos	
O crime do negociante Adolpho Ramos	Quem era o “Dr. Anizio”	15º Capítulo: Os Homens valentes do Recife antigo	
A morte de Iracema Prazim	U’ a Mulher que fez época em Recife	16º Capítulo: Mataram o negociante e simularam um suicídio	
Valentes que desapareceram	Especialistas no Roubo	17º Capítulo: Os crimes sensacionais do Recife	
	Antigos “brabos” de Recife	18º Capítulo: Os crimes célebres do Recife • O assassinio do pracista Canuto Correia; • A trágica ocorrência do Prado do Lucas; • O assassinio de um grande Político; • O homicídio do General Coelho Cintra; • Assassinado a cano de ferro o jornalista Trajano Chacon; • O covarde assassinato de João Guedes.	
	As últimas proezas de “Adama”	19º Capítulo: A atitude do Governo de Pernambuco no caso do levante de Alagoa do Monteiro	
		20º Capítulo: O grande desastre da Rua Cabugá	
		21º Capítulo: O assalto e roubo da Joalharia “Goetschel”	
		22º Capítulo: A gíria dos gatunos com as últimas modificações	

Fonte: (Mello, 1937; 1938; Melo, 1956; 1970).

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar o conteúdo das quatro edições da obra Recife Sangrento (1937, 1938, 1956 e 1970). As obras se constituíram, com novas e velhas histórias, de crimes, de autoridades, de brabos e valentes, além de momentos importantes da política recifense. Apesar de semelhantes, nenhuma das edições são iguais, desde o epíteto ao peritexto, suas configurações mudam significativamente, na ortografia utilizada, nas escolhas das capas e imagens, seu preço e até a diagramação do texto, podem parecer mudanças/alterações simples, mas que fazem total diferença ao serem analisadas.

A edição de 1937 deu início à sequência de Melo que, baseada em suas memórias como 'antigo repórter', prioriza o relato de experiências vividas. Já no ano seguinte, em 1938, a segunda edição foi expandida com o acréscimo de 'A campanha de 1911' — capítulo que, sozinho, ocupa mais de 50% da obra. Na edição de 1956, temos além de um novo design para as capas, novas histórias, algumas repetidas e a supressão do capítulo que foi acrescentado na segunda edição, "A Campanha de 1911". Esse capítulo retorna em sua última edição em 1970 em um formato resumido, além de outras histórias já conhecidas anteriormente. Sua última edição é a que mais se distingue da primeira, apesar das semelhanças.

Melo soube bem aproveitar do trabalho que tinha, sua trajetória iniciada trabalhando em importantes jornais do Recife, como A província, Jornal Pequeno e Diário da Manhã, tendo acesso muitas vezes às cenas dos crimes antes mesmo até que as forças policiais, servindo assim não apenas como repórter, mas também como testemunha. E assim o Recife Sangrento surgiu, ano após ano, não apenas das 'notas de um antigo repórter', mas de fato da experiência da vida de um antigo repórter.

O repórter criminal Oscar Felix de Melo, produziu o Recife Sangrento sem a intenção de gêneros literários? Afirmar esse questionamento é complexo e merece uma análise mais pesquisada, pois, mesmo que não tenha sido a intenção explícita do autor, o jornalismo em si, principalmente o jornalismo investigativo e o relato de crimes, possui características que se aproximam de gêneros literários como o romance policial, o relato histórico e a crônica. A construção de narrativas, a caracterização de personagens (vítimas, criminosos, valentes e autoridades) e a criação de suspense são elementos comuns a ambos. A época em que Recife Sangrento foi escrita pode ter influenciado a forma como a obra foi elaborada. O jornalismo daquela época era mais livre e permitia uma maior exploração de elementos narrativos e

descritivos. Mesmo que inconscientemente, a leitura de outros gêneros narrativos pode ter influenciado sua escrita, resultando em uma obra com características literárias. Inicialmente concebido como um relato jornalístico, Recife Sangrento acabou se transformando em um documento histórico e literário, sendo apreciado por suas qualidades narrativas e seu valor documental. A obra, embora tenha sido concebida como um relato jornalístico, possui características que a aproximam de outros gêneros, e seu impacto cultural a coloca em um lugar especial na literatura brasileira.

O Recife Sangrento não pode ser definido como literatura de crime ou crônica policial, mas sim como um híbrido entre estes gêneros e o *fait divers*. Mas, independentemente disso, sua importância também reside no fato de ter contribuído para o reforçamento de alguns imaginários sociais sobre o Recife de finais do século XIX e primeiras décadas do XX, que analisa a importância da obra como documento histórico para o estudo da criminalidade e da sociedade recifense da época.

REFERÊNCIAS

ALVES, José de Brito. “A’ Guisa de Prefacio”. In: MELLO, Oscar. **Recife Sangrento**. Recife, [s.n.], 1937.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRETAS, Marcos Luiz. Entre Crimes e Leis: Imaginação e a história brasileira do crime. In: VENDRAME, Maíra Ines; MAUCH, Cláudia; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.) **Crime e Justiça: Reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa**. São Leopoldo: OIKOS; Editora Unissinos, 2018. p. 13-32.

BRITTO, Aurélio de Moura. **Fissuras no ordenamento: sociabilidades, fluxos e percalços na Casa de Detenção do Recife (1861-1875)**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

BRITTO, Aurélio de Moura. **“O germe da indisciplina”: negociações, embates e enfrentamentos coletivos na Casa de Detenção do Recife (1930-1935)**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CESAR, Tiago da Silva. **A ilusão panóptica: encarcerar e punir nas imperiais cadeias da Província de São Pedro (1850-1888)**. São Leopoldo: Oikos/Editora Unissinos, 2015.

CUNHA, Israel Ozanam de Sousa. “Eu vou-me embora porque Apolônio da Capunga já anda na Boa Vista querendo prender gente”: capoeira e polícia no Recife no início da República. In: XXVI SNH, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História**. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

CUNHA, Israel Ozanam de Sousa. **Quem era o Doutor Anísio?** - O desafio da ficção étnica à história social do Rio de Janeiro (1889-1916). Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2018.

CUNHA, Israel Ozanam de Sousa. Brabos ou capoeiras? Repensando a repressão republicana no Recife. **Revista Tempo Histórico**, v. 2, p. 01-17, 2010.

FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson; REMEDI, José Martinho Rodrigues. Duelos impressos: a circulação de notícias sobre duelos na imprensa brasileira Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, 1910-1930, **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, 48.2: 209-240.2021.

FRANCO, Gustavo H. B. **A moeda e a lei**: uma história monetária brasileira (1933-2013). 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Cótia, SP: Atelier Editorial, 2009.

KALIFA, Dominique. **OS BAS-FOND**: História de um Imaginário. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

KALIFA, Dominique. **A Tinta e o Sangue**: narrativas sobre crimes e a sociedade da Belle Époque. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Adama e Nascimento Grande: valentes do Recife da Primeira República. **Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ)**, v. 22, p. 49-61, 2006.

LIMA, Amanda Ribeiro Mafra. **Sobre Marias, seus venenos e surrupios**: as representações da criminalidade feminina na literatura de crime no Rio de Janeiro (1880 a 1910). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. 2018.

MELLO, Oscar. **Recife Sangrento**. 1ª ed. Recife: [s.n.], 1937.

MELLO, Oscar. **Recife Sangrento**. 2ª ed. Recife: [s.n.], 1938.

MELO, Oscar. **Recife Sangrento**. 3ª ed. Recife: Escola Gráfica Editora – Convento da Penha, 1956.

MELO, Oscar. **Recife Sangrento**. 4ª ed. Recife: [s.n.], 1970.

OLIVEIRA JUNIOR, Rômulo, José Francisco de. **“Os operários das letras”**: o campo literário no Recife (1889-1910). Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. 2016

PORTO, Ana Gomes. Confeccionando ficções criminais: os arquivos e a literatura de crime. **História Social**, [S. l.], v. 16, n. 22/23, p. 143–163, 2013.

DADOS DE AUTORIA

Valeska Maria Ferreira da Silva

Doutoranda e mestra em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE. Pós-graduada na especialização em História do Nordeste do Brasil, Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2019). Graduada em licenciatura plena em História pela UNICAP (2016). Estagiei na Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural, DPPC (outubro 2013 - maio 2014) e posteriormente no Projeto de Extensão: Resgate do Acervo Documental da Santa Casa de Misericórdia do Recife. (junho 2014 - junho 2016), e voluntária (julho/dezembro 2016). Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, PIBIC - (agosto 2015 - julho 2016). E-MAIL: valeskafferreira@gmail.com ; ORCID: 0009-0004-6673-8072.